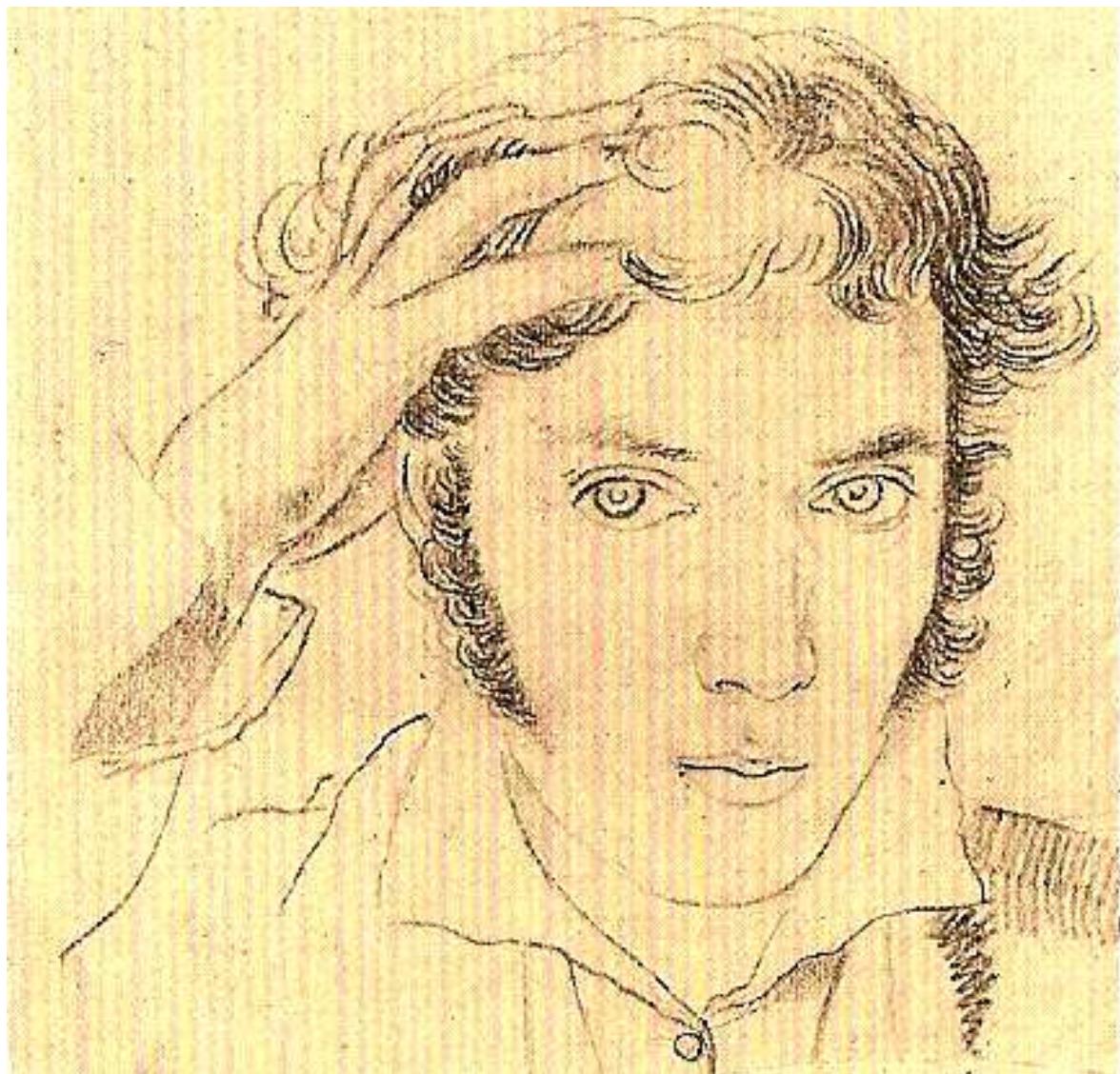


Ensaio sobre Aimé-Adrien Taunay

por Simone Ribeiro



Aimé-Adrien Taunay – Auto-retrato (data desconhecida)

CURITIBA

-2012-

O início do século XIX foi marcado pelas Guerras Napoleônicas na Europa, e uma das consequências dessas guerras foi a migração da corte portuguesa de Lisboa para sua colônia mais importante, o Brasil, em 1808. Tão logo os portugueses chegaram ao Rio de Janeiro, deram início a grandes mudanças, destinadas a melhorar as condições de vida da nova sede do reino.

Em 1815, Napoleão foi neutralizado, e Portugal, libertado do domínio francês. Todavia, as cortes ainda permaneceriam no Brasil por alguns anos, prosseguindo na moldagem da colônia aos interesses e vontades portugueses que conseguissem atender.

Na França, alguns artistas que apoiavam ou se beneficiavam do governo de Napoleão perderam privilégios e encontraram, no restabelecimento das relações da França com o reino português, ainda sediado no Brasil, uma oportunidade: afastarem-se do ambiente pouco propício para eles que se formara em seu país, e possibilitar a expansão de conhecimentos sobre áreas inexploradas e exóticas, como a América.

Aproveitando o interesse da corte portuguesa de embelezar a cidade do Rio de Janeiro, montou-se aquilo que foi chamado de Missão Francesa, composta por artistas plásticos, arquitetos, engenheiros, artífices e outros profissionais, custeados pela Coroa Portuguesa.

Entre os artistas que chegaram ao Brasil em 1816, veio o pintor de paisagens Nicolas-Antoine Taunay, contratado como pintor pensionista do reino e integrante da Academia Imperial de Belas Artes - AIBA. No ano de 1821, incomodado com a escolha do português Henrique José da Silva, com quem não se entendia, para a presidência da AIBA, resolveu retornar à França. Deixou no Brasil, não obstante, dois de seus filhos: Félix e Aimé-Adrien Taunay, ambos artistas plásticos.

Aimé-Adrien Taunay nascera na França, em 1803, e desde cedo se mostrara com pendores artísticos, aproveitando a influência do seu pai para desenvolver seus conhecimentos e técnicas. A vinda para o Brasil deu-lhe oportunidades de aplicar esses conhecimentos no registro pictórico das paisagens, flora e fauna locais, que, na época, era a única maneira de divulgação do exotismo das paragens distantes da Europa.

Naquele início do século XIX, muitas expedições científicas eram realizadas a partir da Inglaterra, Alemanha, França e outros países europeus, com o objetivo de alargar o conhecimento sobre terras longínquas ou inexploradas.

Uma dessas expedições de circunavegação, chefiadas por Louis-Claude de Saulces de Frantinet, passou pelo Rio de Janeiro em 1818 e incorporou Aimé-Adrien como segundo ilustrador, auxiliar de Jaques Etienne Victor Arago.

Essa expedição passou pela África do Sul, Timor, Austrália, Nova Zelândia e outros lugares e ilhas do hemisfério sul, com o objetivo de registrar cientificamente as alterações do campo magnético terrestre, a diversidade das pessoas dessas plagas, das plantas e animais.

Aimé-Adrien, muito jovem – contava apenas 15 anos ao embarcar –, fez alguns registros interessantes, em que se destacam ilustrações de animais marinhos e obras como *"Timor 1818, Scene Malaise"*, ainda um tanto distante da liberdade de registro, espontaneidade do

traço e das cores que marcariam sua obra posterior, embora já mostrasse interesse em acrescentar elementos que contribuíssem para o estabelecimento da realidade que observava.

Cedia, certamente, às exigências de padrões específicos de registros, destinados prioritariamente a ilustrar os argumentos usados pelos cientistas que compunham a expedição nas publicações que seriam impressas após o retorno.

Após um naufrágio nas Ilhas Malvinas (Falklands), Aimé-Adrien retornou ao Rio de Janeiro e continuou seu trabalho de registro da natureza que lhe estava próxima, cada vez com maior primor técnico e integração ao meio esplendoroso das paisagens locais.

Enquanto isso, o restabelecimento da sede do reino português em Lisboa levara os portugueses a desejar que suas possessões de além-mar voltassem à condição de colônias, o que se mostrara decididamente inviável para os naturais da terra e para muitos portugueses que ficaram na América. Em decorrência, o Brasil declarou sua independência de Portugal em 1822.

Em meio a esses acontecimentos, o cônsul-geral do império russo no Brasil, Barão Georg Heinrich von Langsdorff, ele próprio um naturalista, montou, com o apoio do Czar, uma expedição destinada a percorrer os sertões do Brasil para registrar tudo o que fosse possível: fauna, flora, paisagens, índios, vestimentas, arquitetura, mapas das regiões, cidades e vilarejos. Contratou profissionais de diferentes áreas e um jovem pintor que mais tarde seria conhecido como um dos mais importantes divulgadores de imagens da América: o alemão Johann Moritz Rugendas.

Dois anos após o início da expedição, Langsdorff se desentendeu com Rugendas e, em 1825, o substituiu por Aimé-Adrien, que contava com técnica suficiente e experiência em uma expedição científica, embora viagens marinhas fossem diferentes de expedições terrestres.

Aimé-Adrien incorporou-se ao grupo, mas não inteiramente aos seus processos, o que lhe renderia muitos atritos com o chefe da expedição. O interesse de Langsdorff pelo registro formal dos objetos de pesquisa, frequentemente conflitava com o encantamento do olhar do jovem Taunay sobre o desconhecido ou inusitado que encontrava no extenso caminho percorrido a partir de Santos, pelo interior dos atuais estados de São Paulo, Mato Grosso e Rondônia .

Sua intrepidez e independência dos rigores da representação exigidos naquele tempo marcam sua obra. Embora tenha feito muitos registros botânicos isolados, preferia as composições de conjuntos vegetais que mostrassem características dos locais onde as plantas estavam inseridas. Sua maneira de compor era romântica e bela, sem esquecer as características das plantas, mas enfatizando o ambiente em que elas se desenvolviam. Taunay era bastante rico em seus registros, sendo que muitas vezes, além de pintar cenas de paisagens, de índios, de mestiços, de animais e de plantas, ele anotava peculiaridades e impressões sobre o tema no verso do trabalho, enriquecendo ainda mais o registro.

A técnica da aquarela, escolhida por Taunay pela sua fluidez e transparência, dava-lhe liberdade para representar esses temas de maneira solta, fluída e expressiva, com o objetivo de mostrar as cores e a luminosidade do Brasil aos europeus.

A rapidez, precisão e intuição artística com que registrava suas linhas, para talvez mais tarde complementá-las com detalhes que guardava com sua impressionante memória, brindaram-nos com aquarelas leves e interessantes pela composição e cores.

Aimé-Adrien foi vítima de sua ousadia: durante uma etapa da viagem, resolveu atravessar a nado o rio Guaporé, um importante afluente do rio Madeira, que por sua vez deságua no Amazonas. Não concluiu a travessia, morrendo afogado em janeiro de 1828, com apenas 25 anos de idade.

A expedição Langsdorff não teve melhor sorte que Adrien. Seu mentor perdeu as faculdades mentais antes de concluir a expedição, e todo o material coletado, como também as obras científicas e artísticas, foram para a Rússia e lá estiveram esquecidas por muito tempo.

Felizmente, já no século XX, essas obras foram redescobertas e o imenso patrimônio artístico foi enfim revelado, destacando-se entre eles as fantásticas obras de Aimé-Adrien Taunay, que intrigam a todos que com elas tenham contato. A mim, talvez mais do que a outros, pois nos traços, cores, tons e composições de suas obras encontro muita inspiração e encantamento.

Embora Aimé-Adrien Taunay, tenha registrado inúmeros vegetais isolados e feito isto com maestria, uma de suas mais belas e representativas obras é *"Palmiers appellés Boriti, dessinés ao Quilombo, district de Chapada"*, de 1827, em que mostra as lindas e vigorosas palmeiras em seu habitat natural, enfatizando-as por meio de cores mais intensas e reais. Os arredores e o fundo foram suavizados, de maneira a destacar o conjunto principal da obra. Os índios guianás que passam em primeiro plano evidenciam a proporção das árvores, e a maneira com que se vestem e o que transportam revelam costumes da época, enriquecendo sua obra com preciosas informações.



Palmiers appellés Boriti, dessinés ao Quilombo, district de Chapada. Taunay, Adrien, 1827

Ao pintar as palmeiras Buriti com objetivo de fazer um registro botânico, Aimé teve o cuidado de representar folhas e frutos em diversos estágios de evolução e em diversos ângulos. Mostra folhas em formato de graciosos leques em vários tons de verde, e grandes cachos de frutos em muitos tons de marrom. Outra característica deste tipo de palmeira, muito bem evidenciada pelo artista, é que sempre são encontradas em grupos, nunca isoladas. No verso do trabalho ele ressalta: "[...]Essa espécie prefere lugares úmidos, cresce em bosques e nos campos.[...]", esclarecendo o apreciador ainda mais sobre esse vegetal.

A mim encanta a obra de Taunay por várias razões: a sua maneira fluída, romântica, e não menos precisa de representar seus temas de interesse, dando o máximo de informações pictóricas sobre aqueles ambientes tão diferentes da realidade europeia de onde viera; o modo como compunha seus registros , evidenciando o ponto de interesse mas inserido em seu habitat; o fundo fluído que destaca as formas do primeiro plano; a sua juventude que, aliada à curiosidade e à intrepidez, o levaram a uma região mais tarde conhecida e habitada por mim, em meio à Floresta Amazônica, com todos os seus encantos e riscos, em que a fascinante Natureza, de tão rica e diferente, faz com que queiramos, de todas as formas, registrar o que estamos vendo para depois mostrar aos que lá não puderam estar.



Bombacaceae - *Chorisia speciosa* , ca. Taunay, Adrien 1825 - 1828

Fontes de Consulta:

- AMBRIZZI, Miguel Luiz. *Entre olhares - O romântico, o naturalista. Artistas-viajantes na Expedição Langsdorff: 1822-1829*. Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla.htm>. Acesso em 15 nov 2012.
- CALDEIRA, Jorge et al.; *Viagem pela História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. *Expedição Langsdorg*. Rio de Janeiro: Gráfica Trena, 2010.
- COSTA, Maria de Fátima. Aimé-Adrien Taunay: Um Artista Romântico no Interior de uma Expedição Científica. *Fênix. Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 4, Ano IV, nº4 . Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2007. Disponível em <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em 15 nov 2012.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Artes Visuais. *Net*. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=544&cd_idioma=28555&cd_item=1>. Acesso em 13 mar 2014.
- HOLANDA, Sergio Buarque de (Org.); *História Geral da Civilização Brasileira: Tomo II. O Brasil Monárquico. 1. O Processo de Emancipação*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.